

DOM

Dezassete anos de guerra na linguagem dos números

2/8/92

Quando o Presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, se apertarem as mãos, no final do seu encontro, e se este produzir resultados que conduzam à paz ou, pelo menos, ao cessar-fogo, o desafio que se segue é bem gigantesco.

Os dezassete anos desta guerra, que entretanto se tornou fratricida e já sem sentido, tiveram um efeito devastador na situação económica e social do nosso país.

Travaram o desenvolvimento nacional e acentuaram o grau e níveis de pobreza das populações.

Para uma melhor ilustração, Chissano disse aos empresários nacionais e estrangeiros, que as acções de desestabilização do nosso país, concretizadas através dos ataques dirigidos pelo regime de Ian Smith da Rodésia e pela África do Sul, directamente ou através da Renamo, resultaram em danos económicos que se estimam hoje entre quinze e vinte mil milhões de dólares.

Grandes infraestruturas foram destruídas, tais como fábricas de chá e de açúcar, várias unidades de produção agrícola, industrial, todo o circuito comercial do interior, as estradas e pontes e ou-

tras vias de comunicação e meios de transporte ferroviários e rodoviários.

E porque a desestabilização era global, as infraestruturas sociais não ficaram fora dos alvos desta guerra, que se registou na história moçambicana como a mais fraticida de todos os tempos, sublinhou Chissano.

De seguida salientou que mais de quinhentas mil crianças foram instrumentalizadas, igual número de crianças não têm escolas e mais de sete mil professores não leccionam, tendo cerca de meio milhão sido mortos ou raptados.

Esta guerra fez com que mais de um milhão de moçambicanos se refugassem nos países vizinhos e outros cerca de seis milhões se encontrassem em situação de afectados e deslocados, vivendo aí sob o auxílio humanitário da comunidade internacional.

Ela já custou a vida a mais de novecentos mil moçambicanos. Cerca de trezentas mil crianças não conhecem o paradeiro dos seus pais.

É preocupação de todos os moçambicanos ver terminada a guerra, para que cada um possa participar na grande e exaltante tarefa de reconstrução nacional, concluiu o Chefe do Estado.